

DOROTEIA: ENTRE O AMOR, O DESEJO E A DESUMANIZAÇÃO.

Paula Eduarda Marconi¹

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17740122>

E por que peças desagradáveis? Segundo já se disse, porque são obras pestilentas, fétidas, capazes, por si só, de produzir o tifo e a malária na plateia (Rodrigues, 2004).

Inicia-se esta resenha com um trecho de uma entrevista concedida por Nelson Rodrigues, por relacionar-se diretamente com a peça analisada e por ser impossível escrever sobre a obra sem mencionar seu autor. Nelson Falcão Rodrigues (1912-1980) foi escritor, romancista, cronista e jornalista, sendo considerado por alguns críticos literários como um dos maiores dramaturgos brasileiros, responsável por inovar o teatro nacional com suas dezessete peças teatral. É lembrado por explorar, em suas obras, a vida cotidiana do subúrbio carioca, a presença de crimes, incestos e diálogos que articulavam tragédia e humor. Considerado um dos principais autores modernistas, evidenciou em suas peças o psicológico das personagens, destruindo convenções e aproximando-as de um mundo degradado, revelando suas personalidades.

A obra analisada é a peça teatral Doroteia, da edição da Nova Fronteira, com 97 páginas. Por se tratar de um texto dramático, não há divisão em capítulos, mas em atos. A peça apresenta quatro personagens do gênero feminino, e suas falas aparecem majoritariamente em discurso direto, acompanhadas dos nomes para identificação. Além disso, cada fala vem acompanhada de expressões inseridas entre parênteses. O enredo se desenvolve no interior de uma casa composta apenas por uma sala, onde alguns objetos de grande importância simbólica surgem conforme a narrativa avança. Essa organização pode causar estranhamento inicial ao leitor, especialmente pela divisão da trama em quatro atos.

A narrativa tem início com a chegada repentina de Doroteia, personagem central, que bate à porta da casa de suas primas, D. Flávia,

¹ Licenciada em Letras Português-Inglês da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestranda em Linguística da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: paula.eduardamarconi@gmail.com

Carmelita, Maura e Das Dores, filha de D. Flávia. A aparição provoca desconforto entre as moradoras, que duvidam da identidade da visitante. Doroteia chega desesperada ao anoitecer e é interrogada pelas primas, que afirmam acreditar que ela havia morrido. Após insistentes questionamentos, lembram que havia mais de uma pessoa com esse nome na família e concluem que se trata daquela que abandonara o lar para viver de modo considerado pecaminoso. Para ser aceita novamente no convívio familiar, Doroteia precisa atender ao desejo de D. Flávia. Assim, retorna à família após a morte do filho e, marcada pela dor, passa a questionar a vida que levava, decidindo renunciar aos próprios desejos para retomar o antigo modo de viver.

O ambiente familiar que envolve a personagem é atravessado pela castração do desejo feminino, evidenciada desde o início da peça, quando as mulheres não reconhecem suas vontades. Embora se casem e mantenham relações sexuais com seus maridos, vivem à espera das náuseas ação que, para elas, assume grande importância dentro do casamento. Por motivos familiares, não conseguem enxergar seus companheiros. Ao fugir dessa realidade, Doroteia rompe os padrões impostos pelas primas e pela sociedade, permitindo que a beleza e a liberdade passem a ser percebidas como possíveis.

Nesse contexto, um aspecto que se apresenta ao longo da narrativa é a visualização do sexo oposto. Caso alguma personagem visse o marido ou outro homem, haveria uma consequência inadmissível, tornando impossível a permanência naquele núcleo familiar. Movidas pela curiosidade de uma vida que jamais teriam, as primas solicitam que Doroteia relate sua experiência no prostíbulo, o que faz emergir elementos simbólicos da peça, como o famoso Jarro utilizado pelas meretrizes para se lavar após o ato sexual, de modo a se manterem limpas. Outro elemento significativo é a ausência de individualidade, expressa pela inexistência de quartos na casa, que possui apenas uma sala onde todas dormiam. Tal configuração espacial reforça a castração dos desejos, uma vez que a falta de privacidade impossibilita qualquer relação íntima com o sexo oposto.

Outro ponto relevante é a representação da beleza feminina. Após narrar sua vida, Doroteia recebe das primas a possibilidade de ser reintegrada

à família, desde que destrua sua própria beleza, evitando atrair olhares masculinos e assegurando a “paz” do lar. Para cumprir essa exigência, Doroteia procura Nepomuceno e solicita que ele lhe conceda chagas a fim de pôr fim à beleza que possuía. Nesse momento, a estética se torna negativa, evidenciando uma inversão de valores, segundo a qual uma mulher honesta não poderia ser bela. A personagem passa, portanto, por um processo de desumanização decorrente de suas características físicas. Nelson Rodrigues utiliza valores altamente valorizados na sociedade contemporânea de forma irônica, criticando-os e criando um ambiente que lhes é oposto.

A peça encerra-se de forma aberta após o conflito entre mãe e filha, o ápice da narrativa. Das Dores, desejosa de viver com o marido, cuidar dele evê-lo, atitude inaceitável para D. Flávia, tem seu destino marcado tragicamente.

A genialidade de Nelson Rodrigues manifesta-se na desconstrução de modelos tradicionais do teatro brasileiro. Quando encenada pela primeira vez, a peça foi rotulada como “teatro desagradável”, devido à sua estética surrealista. A obra apresenta personagens caricaturais e uma visão de mundo caótica, por meio da qual o autor ridiculariza questões relacionadas à moralidade e aos desejos carnais, além de denunciar fragilidades da sociedade brasileira. Sua perspectiva é desencantada diante do espírito humano, marcada por contradições entre desejo e pureza. A peça se desfaz à medida que o desejo e a mudança se fortalecem, rompendo com os mecanismos de repressão. Ao leitor, permanece a indicação da genialidade da obra e de seu autor, que produziu uma expressiva desconstrução da perfeição humana. Assim, apresenta-se o universo de Doroteia.

REFERÊNCIAS

ALKIMIM, Alexandre Flores. A última entrevista de Nelson Rodrigues. **Revista Bula**, [s. d.]. Disponível em: <https://www.revistabula.com/5753-a-ultima-entrevista-de-nelson-rodrigues-2/>. Acesso em: 17 nov. 2025.

RODRIGUES, Nelson. Teatro desagradável. In: RODRIGUES, N. **Teatro completo de Nelson Rodrigues**, 2^a ed. v. 1 – Peças psicológicas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

RODRIGUES, Nelson. **Doroteia**. 2^aed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.